

Um paulista no Sul do Brasil: Aprendendo para ensinar sobre o valor cultural do patrimônio gaúcho

A paulista in southern Brazil: Learning to teach about the cultural value of the gaúcho heritage

Un paulista en Brasil austral: Aprendiendo para enseñar sobre el valor cultural del patrimonio gaúcho

Mateus Rosada [14]

[14] Arquiteto e urbanista, graduado pela Universidade de São Paulo (USP - Campus de São Carlos), onde também fez o mestrado e o doutorado. Sua tese *Igrejas Paulistas da Colônia e do Império: Arquitetura e Ornamentação* - IAU/USP - foi premiada pela Capes (Prêmio Capes de Teses) e pela USP (Prêmio Tese Destaque). É professor universitário desde 2009, tendo lecionado na Faculdade de Administração e Artes de Limeira (FAAL) e, por três anos, na Universidade Federal de Santa Maria, no Campus de Cachoeira do Sul (UFSM-CS). Desde 2019 é Professor do Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura e do Urbanismo (ACR), na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA-UFGM). Leciona nas áreas de história da arquitetura, teoria urbana, história da arte e patrimônio cultural.
<http://lattes.cnpq.br/2796515859650978>
mateus.rosada@ufmg.br

Este capítulo trata dos descobrimentos, das novidades e das dificuldades encontradas na atuação recente do autor como professor de história da arquitetura e pesquisador na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Campus de Cachoeira do Sul, instituição na qual lecionou entre os anos de 2016 e 2019. Permeado pela experiência pessoal do autor, o trabalho procura apresentar de que maneira sua formação e vivência no interior de São Paulo se tornaram, por um lado, dificuldades para a compreensão do ambiente cultural do Rio Grande do Sul mas, ao mesmo tempo, valores importantes para uma observação diferenciada do contexto sulista. Trata do trabalho de pesquisa para conhecer o patrimônio construído e a cultura gaúchos e transmitir esse conhecimento aos alunos do curso de arquitetura. Aborda ainda os projetos de pesquisa e de extensão desenvolvidos no âmbito da UFSM, sobre a arquitetura rural e o inventariamento dos bens culturais de Cachoeira do Sul e a atuação junto aos órgãos locais de preservação do patrimônio cultural. Procura, com isso, demonstrar a constante necessidade do (re)conhecimento das tantas nuances culturais regionais para um melhor, ainda que incompleto, entendimento do Brasil.

Como cheguei ao Sul do Brasil

Em fevereiro de 2016 eu defendia o meu doutorado na USP de São Carlos e em poucos meses entrava para as estatísticas do grande contingente de doutores desempregados no Brasil. Estava em licença não remunerada em uma faculdade particular no período em que tive bolsa no doutoramento, mas fui demitido em junho, logo depois de obter o título. Não me cabe aqui julgar se o motivo foi a dificuldade em me reconduzir às antigas disciplinas que eu lecionava, que nesse ínterim já haviam sido ocupadas por outros docentes, ou se a real motivação tenha sido um enxugamento da folha de pagamento, pois sabemos que professores doutores custam mais caro às instituições.

Foi um ano de concursos: participei de cinco processos seletivos em seis meses naquele ano, um em São Paulo, no Instituto Federal de São Paulo; dois em São João del-Rei – MG, na Universidade Federal de São João del-Rei; um no Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro; e, o último deles, em Cachoeira do Sul – RS, na Universidade Federal de Santa Maria, no qual eu logrei ser aprovado.

Me deslocar para Cachoeira do Sul para prestar o concurso já foi, em si, uma experiência muito interessante, pois eu conhecia apenas cidades da Serra Gaúcha de uma viagem com a família da minha adolescência. Cachoeira pertence a outra região geográfica, a campanha, e sua paisagem é muito diferente do Norte do estado: é ampla, despachada, e a vegetação parece que é até azulada, de um verde mais frio que das paragens dos Sudeste brasileiro.

Depois, já com algum tempo residindo no Rio Grande do Sul, entendi que o estado praticamente se divide em duas grandes regiões distintas na paisagem, na formação e na cultura. O Norte se caracteriza pela serra, pelo relevo acidentado, pelas cidades mais frias, ocupadas mais recentemente, a partir de meados século XIX, e por um contingente mais numeroso na população de norte-europeus, de gente loira e de olhos azuis, o fenótipo que é estereótipo da imagem dos gaúchos nos estados das regiões ao norte. É também a região mais rica e industrializada do estado. Enquanto isso, o Centro e o Sul se caracterizam pelas grandes pradarias, campos de criação de gado vacum e ovino, pelos imensos arrozais nas zonas alagadiças, caso de Cachoeira do Sul, nascida num promontório às margens do Rio Jacuí, com extensas áreas inundáveis na margem oposta. As cidades dessa grande unidade territorial são mais ligadas ao agronegócio e não tão ricas como as do Norte rio-grandense. A população do Centro-Sul é resultado da ocupação mais antiga do estado, da segunda metade do século XVIII e primeira do século XIX, e seu fenótipo é o que os gaúchos apelidaram de "pelo-duro": gente mais morena, de

cabelos geralmente negros e olhos castanhos, formada pela miscigenação dos portugueses com o contingente africano e indígena da região, retratada por Debret em 1827-1830 (MUSEUS... 2011). Receberam levas de imigrantes de outros países europeus, especialmente italianos e alemães (formação muito semelhante à do interior de São Paulo), mas a herança portuguesa é mais percebida na feição de seus habitantes e no próprio falar, com algumas palavras comuns até hoje em Portugal, mas que caíram em desuso na maior parte do Brasil. É também a região mais tradicionalista, onde surgiu a figura do gaúcho campeiro, de bota e bombacha, e é possível ver algumas pessoas com os trajes tradicionais pelas ruas da cidade de vez em quando, especialmente em setembro, mês da Revolução Farroupilha, quando o nacionalismo rio-grandense fala mais alto.

Aprovado no concurso em julho de 2016, foi nessa região onde fixei residência a partir de setembro daquele ano, quando fui convocado e comecei a lecionar na Universidade Federal de Santa Maria, no Campus de Cachoeira do Sul.

Cachoeira do Sul, bela que só ela!

As pessoas ligadas ao patrimônio de Cachoeira levantaram há alguns anos a *hashtag* #belaquesóela para se referir às belezas da cidade. Não é para menos: o município possui um acervo arquitetônico ainda coeso e relativamente preservado de edificações ecléticas e art déco. Cachoeira é realmente bonita e isso salta à vista dos forasteiros/concurseiros que a visitam pela primeira vez, e o mesmo ocorreu especialmente a mim, pois pesquisei arquitetura histórica desde a minha graduação.

Os acontecimentos que se sucederam na história cachoeirense possibilitaram que esse acervo se preservasse. Cachoeira do Sul é um município bicentenário: neste ano de 2020, comemora duzentos anos de emancipação política. No entanto, sua origem é ainda mais antiga, pois o primeiro assentamento foi uma redução indígena ainda no século XVIII, iniciada em 1769 (SCHUH, CARLOS, 1991), vinculada diretamente ao processo de ocupação da região pelos portugueses após a assinatura do Tratado de Madri (1750). Ao se expandir para além da área da aldeia, ainda em fins do século XVIII, a povoação foi reorganizada a partir de um plano reticulado, pombalino (WEIMER, 2004, p.112), traçado pelo engenheiro português José de Saldanha, no redondo ano de 1800.

Figura 1: Planta de 1850 de Cachoeira do Sul, elaborada pelo engenheiro Johann Martin Buff (1800-1880), na qual o traçado reticulado do núcleo urbano fica perceptível.



Fonte: Ritzel, 2018.

Vinte anos depois, foi elevada à condição de vila e se emancipou de Rio Pardo, tornando-se o quinto município criado na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Desenvolveu-se bem no século XIX, com um importante ciclo de produção de gado e charque, mas seu grande *boom* se deu no início da centúria seguinte, especialmente nas décadas de 1910 a 1940, quando se tornou a maior produtora nacional de arroz (hoje, ainda é a 10ª maior produtora do cereal no país). Nesse período, Cachoeira do Sul viu sua população saltar de cerca de 20 mil para mais de 80 mil habitantes. Nos anos que se seguiram, no entanto, as sucessivas crises na rizicultura, a decadência da ferrovia e a construção das duas principais estradas de rodagem do interior – BR287 e BR290 – afastadas, respectivamente, 30km a norte e a sul da área urbana, levaram à estagnação econômica e populacional de Cachoeira (SELBACH, 2007). Desde a década de 1940 a população se mantém estável, oscilando entre as casas dos 80 e dos 90 mil habitantes. Ao fim, a decadência cachoeirense fez com que o opulento acervo construído nos anos áureos se mantivesse relativamente bem conservado até anos recentes.

Os meus três anos cachoeirenses me levaram a tentar conhecê-la e compreendê-la cada vez melhor para depois inserir a cidade nos temas, nas aulas, nas conversas, e para ligá-la ao contexto regional e nacional, buscando mostrá-la aos alunos como parte integrante de todo um sistema muito maior.

Lecionando na Universidade Federal de Santa Maria

Tudo era novidade em Cachoeira do Sul, até mesmo para a cidade: os cinco cursos e o próprio campus da Universidade Federal de Santa Maria na cidade eram novos, iniciados em agosto de 2014. Tinham apenas dois anos quando cheguei. O clima na cidade, que vivia a inédita movimentação universitária, e dos próprios professores, quase todos jovens, era de euforia. Enquanto o campus estava em obras, as instalações da UFSM ainda eram em alguns prédios alugados de faculdades no Centro, de um colégio e até um centro de retiros da Igreja Católica, no Bairro Santo Antônio.

Eu fui o último docente do campus a tomar posse naquele semestre. Cheguei no meio de setembro de 2016, ou seja, depois de já transcorrido um mês e meio do período. Foi um início de atividade acadêmica bastante conturbado, pois tive o tempo de pouco menos de dois terços do semestre para cumprir o conteúdo de todo ele. Ao mesmo tempo, não sei precisar se por interesse pessoal ou mesmo pela necessidade que a docência impunha, fui impelido a estudar muito sobre a cidade onde comecei a lecionar, o Estado do Rio Grande do Sul, sobre sua capital e seus municípios mais importantes. Era necessário adaptar as aulas e o próprio discurso ao repertório cachoeirense e gaúcho e à própria realidade da região.

Antes mesmo de assinar o termo de posse, já nas conversações com os colegas do curso de Cachoeira, já estávamos escalados, eu e o colega Samuel Brito (que ingressou na UFSM pelo mesmo concurso que eu), para liderar e guiar os alunos dos dois primeiros semestres a uma viagem didática a Porto Alegre. A viagem ocorreu apenas três semanas depois que iniciei as aulas, para uma cidade onde eu nunca tinha ficado mais de dois dias... Foi um acontecimento que me obrigou a conhecer a história de Porto Alegre, sua formação desde o período do Porto dos Casais até momentos recentes, assim como as características de sua implantação, do urbanismo português do século XVIII, os tantos e sucessivos aterros por sobre o Guaíba (BOHRER, 2001), as reformas urbanas do século XX, e os edifícios mais emblemáticos de sua arquitetura, assim como seus autores e a representatividade de cada um deles em seu respectivo momento histórico.

Essa viagem foi muito marcante para o meu entendimento como professor. Me fez perceber, em pouco tempo, a premência de se mergulhar na cultura e na história gaúchas. Aprender, por exemplo, sobre o ecletismo na graduação e na pós foi de extrema importância para que eu compreendesse esse período e as motivações de sua arquitetura, mas os casos específicos que conheci, os exemplos paulistas, não serviriam da mesma forma para transmitir esse conhecimento aos alunos gaúchos. Ou seja, nos

casos específicos, pouco proveitoso seria falar de Ramos de Azevedo, de Carlos Eckman ou Victor Dubugras para aquele público que me via com olhos espertos e ávidos: era necessário abordar a importância e as características do ecletismo gaúcho, com todas as nuances muito mais ligadas a arquitetos germânicos; era preciso saber sobre Friedrich Heydtmann, Phillip von Normann, Joseph Lutzenberger, sobre o engenheiro Rudolph Arons e o arquiteto Theodor Wierderspahn, alemão que assinou todos os maiores edifícios da Porto Alegre da virada para o século XX, responsável por mais de duzentas obras construídas no Estado, três delas em Cachoeira do Sul (WEIMER, 2009).



Figura 2: Turma da viagem a Porto Alegre na escadaria da Igreja das Dores.
Foto: Franciela Gherke, 2016.

Da mesma maneira, muito mais palpáveis aos discentes de arquitetura do Rio Grande do Sul que figurões da arquitetura modernista brasileira, como Lúcio Costa, Affonso Reidy, Villanova Artigas ou Oscar Niemeyer, são os arquitetos modernistas que trabalharam no estado e influenciaram outros naquelas terras. Era preciso ter a base sólida sobre a modernidade no Brasil, mas dever-se-ia explicá-la, naquela viagem, ao pé de edifícios projetados por Edgar Graeff, Carlos Alberto de Holanda Mendonça, de Carlos Fayet e Luís Fernando Corona, e mesmo do uruguaio Román Fresnedo Siri (XAVIER, MIZOGUCHI, 1987, p.12-41), que moldaram a arquitetura moderna da capital.

Felizmente, tive mais tempo para colher e acumular informações sobre Cachoeira do Sul do que neste caso de Porto Alegre, quando, a cada semestre que transcorria, eu acrescentava um pouco mais de informação e de exemplos locais, cachoeirenses e/ou gaúchos, nas disciplinas. Confesso: os que foram meus alunos nos primeiros semestres não tiveram conteúdos que conseguiam amarrar tão bem o contexto local e regional ao nacional e internacional, como foi possível estabelecer nos últimos períodos.

As disciplinas em Cachoeira do Sul

O concurso que prestei para Cachoeira do Sul era para as áreas de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e de Projeto de Arquitetura. Com isso, lecionei não apenas em matérias de teoria, como também de projeto e de desenho. Em seis semestres, dei aulas em treze disciplinas. Contribuiu para esse número elevado a reformulação que o curso sofreu em 2018. Foi nas disciplinas da área de história onde pude – e procurei – inserir mais elementos da arquitetura rio-grandense e cachoeirense, tanto nas disciplinas de história geral da arquitetura, nas quais eu tentava traçar paralelos dos movimentos e obras internacionais com os brasileiros e gaúchos, como na disciplina Arquitetura e Urbanismo no Brasil, na qual o capítulo gaúcho estava presente e, sempre que possível, havia exemplos de Cachoeira do Sul para ilustrar os temas.

O fato de Cachoeira ser bicentenária e ter sido uma das maiores e mais ricas cidades do Rio Grande do Sul enos meados do século XX possibilitou que a cidade tenha hoje (e mantenha uma parte de) obras que vão desde o rococó (a Catedral de Nossa Senhora da Conceição, inaugurada em 1799, conserva um retábulo desse estilo – DAMASCENO, 1971, p.42-43) até edificações de arquitetos importantes no contexto gaúcho, do neoclassicismo e ecletismo ao modernismo. Para se ter uma ideia, personagens importantes, como o engenheiro sanitarista Saturnino de Brito, atuaram em Cachoeira: ele projetou o sistema de abastecimento de água do município. Profissionais estrelados e requisitados da capital, como o neoclássico Friedrich Heydtmann (WEIMER, 1987, p.263) e os ecléticos Theodor Wiederspahn (WIEMER, 2009) e Joseph Lutzenberger, têm obras na cidade, assim como Flávio Figueira Soares, importante arquiteto do Movimento Moderno, formado na primeira turma do curso de arquitetura da UFRGS (então único curso do Rio Grande do Sul). Cachoeirense, depois se estabeleceu em Porto Alegre como professor da própria faculdade que o formou. Há exemplares rococós, "coloniais", neoclássicos, neogóticos, ecléticos, neocoloniais, art déco e modernistas a uma pequena distância uns dos outros no centro da cidade, o que possibilitou que eu fizesse uma aula

ao ar livre, *in loco*, num percurso de doze quadras, apresentando, um a um, os estilos arquitetônicos e as características de cada edificação que evidenciavam aos alunos essa filiação estilística. Era uma de minhas atividades preferidas!

Figura 3: Mosaico de fotos de parte do acervo arquitetônico de Cachoeira do Sul.



Fotos e composição: Mateus Rosada, 2017.

Fora da sala, as atividades de pesquisa e extensão

Poucos meses após a minha chegada, ocorreu a sessão solene de tombamento da Fazenda São José, popularmente conhecida como Fazenda da Tafona, como Patrimônio Histórico do Estado do Rio Grande do Sul pelo IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico do Estado). A fazenda da Tafona tem esse apelido por manter até os dias atuais um engenho de produção de farinha de mandioca, uma tafona. Foi aberta no fim do século XVIII e sua sede é de 1813 ou anterior (RITZEL, 2016) e sempre pertenceu à mesma família (SILVA, 2017), fato que ajuda a entender muitas das dinâmicas de casamentos e organização social no ambiente rural do Sul e, por extensão, do país.

O ato do tombamento movimentou a cidade, assim como o Curso de Arquitetura e, na ocasião, se organizou projeto de extensão Fazenda da Tafona, uma viagem no mundo da memória do Rio Grande do Sul, com a parceria dos proprietários da fazenda, a

coordenação da professora Ana Rita Wollmann e a colaboração da professora Bruna Fuzzer, no qual me inseri de pronto. Tendo realizado pesquisa sobre as fazendas de café da região de Limeira (SP), o meu contato prévio com a arquitetura rural do ciclo cafeeiro paulista foi, mais uma vez, base para um olhar externo sobre os paralelismos e as intersecções das dinâmicas que produziram a arquitetura no país. Ter contato com uma fazenda de produção de farinha de mandioca e de criação de gado me fez aprender muito sobre a arquitetura rural do Brasil austral, assunto ainda com pouquíssimos estudos (LUCCAS, 2003). A Fazenda da Tafona é um documento vivo, que conta sobre a conformação dessa unidade de produção em todo o sistema que deu sustentação à ocupação do território gaúcho, como tentamos divulgar nos textos produzidos (JUNGES et al., 2017). Se, de um lado, o meu conhecimento sobre arquitetura colonial e rural contribuiu para o projeto, de outro o processo levantamentos e pesquisa me fizeram dar um novo mergulho na história do Rio Grande do Sul. Além do levantamento da casa-sede e da tafona, que são interligadas, o projeto possibilitou a produção de artigos científicos, apresentados em congressos em Pelotas – RS, e em Florença – Itália.

Figura 4: à esquerda, a proprietária da Fazenda da Tafona, alunos e professores do Projeto; à direita, a sede da fazenda.



Fotos e composição: Mateus Rosada, 2017.

Além da atividade de extensão com a Fazenda da Tafona, em 2018 participei da organização o Projeto de Pesquisa Patrimônio Cultural de Cachoeira do Sul, Cidade Histórica, coordenado pela professora Luiza Segabinazzi Pacheco e com a participação das docentes Juliana Pavan e Letícia Gabriel. O subtítulo “Cidade Histórica” foi colocado justamente para salientar o caráter do município, cuja população, mesmo convivendo

diariamente com um expressivo conjunto urbano, não vê seu município, um dos mais antigos do Rio Grande do Sul, como histórico.

O projeto possibilitou uma frutífera parceria com o Arquivo Municipal e o COMPAHC (Conselho Municipal do Patrimônio Histórico-Cultural) para a reestruturação e complementação das fichas do inventário realizado em Cachoeira do Sul por uma superintendência do IPHAN em 1989 (RHODEN, COELHO, 1989), com vistas à preservação dos bens imóveis da cidade. O município tem 99 bens inventariados (em trinta anos, 24 dos 123 imóveis constantes originalmente no levantamento foram desinventariados), quinze tombados em esfera municipal (COMPAHC) e quatro em esfera estadual (IPHAE). Mais do que apenas reorganizar e atualizar e complementar informações do levantamento, que já tinha mais de trinta anos, o intuito do projeto foi o de apoiar e evidenciar, junto às pessoas engajadas com a preservação do patrimônio, a qualidade e a representatividade do conjunto arquitetônico cachoeirense. Essa interação foi muito feliz, ao colocar, lado a lado, a academia, com os conhecimentos e conceitos teóricos sobre a preservação de monumentos, conjuntos e paisagens e, de outro, membros da sociedade de Cachoeira, detentores do conhecimento histórico sobre a cidade, que proporcionaram, a mim e a todos os alunos e docentes do projeto, conhecermos muito mais sobre a cidade e seu patrimônio construído.

Para além da Academia, o conhecimento na/para a Cidade

A escala de Cachoeira do Sul, com seus oitenta e tantos mil habitantes, é bastante aconchegante e acolhedora e a cidade tem sabido aproveitar a presença de um campus universitário, pois a UFSM vem sendo requisitada e consultada para um sem-número de ações na cidade, como o Plano de Mobilidade, o novo Plano Diretor, ações educativas, etc. As ações da UFSM também são debatidas nos meios de comunicação locais. A Rádio Fandango FM, por exemplo, tem um programa semanal de debates com um horário cuja pauta é definida pelos professores do Campus. É muito prazeroso perceber que os assuntos tratados na academia chegam à população com esse grau de disseminação, que me parece ser possível apenas em cidades pequenas e médias. Por sua própria natureza, o Curso de Arquitetura e Urbanismo é o que mais tem realizado ações com a população e o poder público. Nos temas atinentes ao patrimônio cultural, nossa linha de atuação (minha e das colegas que também se dedicam ao assunto), a fala de Mirian Ritzel, diretora do Arquivo Municipal, exemplifica muito bem a mudança na percepção local: "o patrimônio, depois da vinda da UFSM, virou pauta de discussão na cidade. Há

quem defenda e quem deteste a preservação, mas qualquer intervenção em uma construção histórica em Cachoeira agora é assunto de jornal e debatido no âmbito municipal" (RITZEL, 2018). De fato, em algumas ocasiões, em meio a polêmicas sobre a preservação, inventariamento e desinventariamento de bens da cidade, éramos procurados pelos jornais e canais de TV e rádio da cidade para tratar do assunto. Nós, os professores do curso ligados ao patrimônio cultural, elaboramos, em uma boa quantidade de ocasiões, pareceres sobre a preservação de imóveis históricos da cidade e participamos de reuniões do COMPAHC (mesmo não havendo uma cadeira da Universidade no Conselho) e até sessões do Ministério Público, na tentativa constante de valorizar e preservar o acervo arquitetônico de Cachoeira do Sul.

Figura 5: Visita do grupo do Projeto Patrimônio de Cachoeira do Sul à sede do Arquivo e do Conselho de Patrimônio, em explanação de suas representantes, respectivamente, Mirian Ritzel e Ione Sammartim Carlos. Na imagem, William Hammerschmidt, um dos alunos do projeto, folheia o Livro de Tombo do município.



Foto: Luiza Segabinazzi Pacheco, 2018.

Certamente, o acontecimento de maior vulto na área do patrimônio em Cachoeira do Sul foi o II Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural, organizado pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo, em parceria com o CICOP (Centro Internacional para a Conservação do Patrimônio) e coordenado pela professora Juliana Pavan (e do qual eu fui vice-coordenador), que ocorreu de 11 a 14 de novembro de 2019 na cidade. Foi o primeiro congresso dessa magnitude organizado pela UFSM de Cachoeira do Sul e representou a possibilidade de trazer a discussão do tema em uma escala ampliada para Cachoeira, assim como atrair olhares de outros lugares para o potencial do acervo arquitetônico e paisagístico da #belaquesóla, além de ampliar a rede de contatos dos

próprios membros da sociedade civil atuantes na preservação e de projetar o jovem curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSM cachoeirense. O evento movimentou a cidade e, certamente elevou-a a outro patamar de interação e de destaque.

Figura 6. Banner do II Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural, com aquarela representando o Chateau d'Eau e Catedral de Cachoeira do Sul.



Desenho: Mateus Rosada, 2019.

Quando deixei Cachoeira do Sul

Em 2019 fui aprovado em concurso na Universidade Federal de Minas Gerais, onde me encontro desde agosto daquele ano. A mudança se deu puramente pelas possibilidades de pesquisa, uma vez que meu tema de investigação é o barroco e o rococó brasileiros, e Minas Gerais tem um campo para essa linha muito mais amplo que o Rio Grande do Sul. Que fique claro que a decisão de partir, por mais que eu visse vantagens acadêmicas no novo emprego, não foi fácil. Essa mudança não ocorreu sem a dor e sem a falta que fazem os amigos que fiz no Sul do Brasil, os colegas e alunos queridos e as pessoas interessadas e competentíssimas de Cachoeira do Sul...

E, assim, o processo de aprendizado recomeça todo novamente: depois de aprender sobre o Theodor Wiederspahn, agora é a vez de entender o papel do Luiz Signorelli aqui para Belo Horizonte. Depois de estudar a obra de Edgar Graeff e Flávio Figueira Soares, agora devo aprender sobre Sylvio de Vasconcelos, Raphael Hardy e Shakespeare Gomes (este último projetou o prédio da Escola de Arquitetura, onde trabalho). A base de vivência no interior de São Paulo e a formação em São Carlos me possibilitaram ver Cachoeira e o Rio Grande do Sul com o olhar estrangeiro, que muito pôde ser útil para a

compreensão do território. Acredito que tenha somado à percepção dos amigos gaúchos e aos cachoeirenses. Agora, em Minas, trago na bagagem também a vivência e o conhecimento adquirido no Brasil Austral.

E a vida segue assim: é um incessante caminhar, um constante percurso de aprendizado docente, para adquirir embasamento, para transmitir o conhecimento e gerar mais conhecimento. É, mais uma vez, um processo de tomar posse intelectualmente do território onde se vive, compreendê-lo de fato, com todas as suas nuances, para pensá-lo, discuti-lo, valorizá-lo e preservá-lo, e fazer com que mais mentes acompanhem essa intenção, seguindo aquela máxima frase, já tão clichê, do patrimônio: "só se preserva o que se conhece".

É, Cachoeira! Deixou saudade, mas te trago um pouquinho dentro de mim!

Referências

BOHRER, Maria Dalial. **O Aterro da Praia de Belas e o Aterro do Flamengo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/139789>. Acesso em 20 set. 2020.

RHODEN, Luiz Fernando, COELHO, Cristina Eskeff (Org.). **Inventário do Patrimônio Cultural de Cachoeira do Sul**. Cachoeira do Sul: COMPAHC, 1989.

DAMASCENO, Athos. **Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1700-1900)**: Contribuição para o estudo do processo cultural rio-grandense. Porto Alegre, Globo, 1971.

JUNGES, Ciane Luisa, FRANCESCHI, Leonardo Ivo Gomes de, ROSADA, Mateus, WOLLMANN, Ana Rita Pereira. *A casa-sede da Fazenda da Tafona: organização e evolução de uma vivendo luso-brasileira*. **Anais do IV Colóquio Internacional A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores**. Pelotas: Claec, 2017.

LUCAS, Luís Henrique Haas. *Arquitetura das Estâncias e Fazendas do Rio Grande do Sul*. **Vitruvius. Arqtextos**. n. 110, 2003. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/06.071/363>. Acesso em: 03 mai. 2020.

MUSEUS CASTRO MAYA. **Debret: Viagem ao Sul do Brasil**. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2011.

RITZEL, Mirian Regina Machado. *A Planta de Buff. História de Cachoeira do Sul*. 16 dez. 2018. Disponível em: <http://historiadecachoeiradosul.blogspot.com/2018/12/a-planta-de-buff.html>. Acesso em 20 set. 2020.

RITZEL, Mirian Regina Machado. **Fazenda da Tafona: razões históricas para o tombamento pelo conselho municipal do patrimônio histórico-cultural**. Cachoeira do Sul: COMPAHC, 2012.

RITZEL, Mirian Regina Machado. **Depoimento ao Grupo do Projeto de Pesquisa Patrimônio Cultural de Cachoeira do Sul, Cidade Histórica**. Por ocasião da visita ao Arquivo Municipal. (depoimento oral). 29 set. 2018.

SCHUH, Angela, CARLOS, Ione Sammartim. **Cachoeira do Sul: Em busca de Sua História**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Muito além da praça José Bonifácio: as elites e os "outsiders" em Cachoeira do Sul pela voz do Jornal do Povo, 1930-1945**. Tese (Doutorado em história). Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

SILVA, Maria Irtília Vieira da Cunha (Marô). **Entrevista concedida**. Porto Alegre / Cachoeira do Sul (videoconferência), abril de 2017.

WEIMER, Günter. *A fase historicista da arquitetura no Rio Grande do Sul*. In: FABRIS, Annateresa (org.) **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: nobel, Edusp, 1987. p.256-279.

WEIMER, Günter. **A arquitetura**. Porto Alegre: Edufrgs, 1992.

WEIMER, Günter. **Origem e evolução das cidades rio-grandenses**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

WEIMER, Günter. **Theo Wiederspahn, arquiteto**. Porto Alegre: Edupucrs, 2009.

XAVIER, Alberto, MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. São Paulo: Pini, 1987.